



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

1° TEN ART ALEX MARTIN CURELLICH

**O APOIO DE FOGO NO COMBATE DE DARWIN – GOOSE GREEN:
A GUERRA DAS MALVINAS**

**Rio de Janeiro
2017**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

1º TEN ART ALEX MARTIN CURELLICH

**O APOIO DE FOGO NO COMBATE DE DARWIN – GOOSE GREEN:
A GUERRA DAS MALVINAS**

Trabalho acadêmico apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito para a especialização
em Ciências Militares com ênfase em
Gestão Organizacional

**Rio de Janeiro
2017**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMil
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: 1° Ten **ALEX MARTIN CURELLICH**

Título: **O APOIO DE FOGO NO COMBATE DE DARWIN – GOOSE GREEN: A GUERRA DAS MALVINAS**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ CONCEITO:

BANCA EXAMINADORA

Membro		

MAURO JOSÉ DE ALMEIDA JUNIOR - Cel Cmt Curso e Presidente da Comissão		

- Maj MARIO HENRIQUE MADUREIRA 1° Membro e Orientador		

- Cap CARLOS EDUARDO DA SILVA LOURENÇO 2° Membro		

_____ **ALEX MARTIN CURELLICH – 1°**

Ten Aluno

O APOIO DE FOGO NO COMBATE DE DARWIN-GOOSE GREEN: A GUERRA DAS MALVINAS

Alex Martín Currellich
Mario Henrique Madureira

RESUMO

Para facilitar o desenvolvimento e a compreensão da questão proposta, serão abordados, num primeiro momento, os aspectos gerais nos quais o combate ocorreu, as características do terreno na área do Istmo de Darwin, bem como a organização e a missão das forças que o defenderam. Tendo compreendido o panorama geral que gerou as operações deste combate, o trabalho dará maior atenção no aspecto específico do Apoio de Fogo. Como o objetivo é aproveitar as próprias experiências no uso de meios de apoio de fogo em combate, só serão desenvolvidas e aprofundadas as informações referentes às forças do Exército Argentino em operações, mencionando apenas os dados do inimigo (Reino Unido da Grã-Bretanha), que estão relacionados com essa finalidade.

Palavras-chave: Apoio de Fogo, Sistema de Apoio de Fogo, Emprego da Artilharia de Campanha.

ABSTRACT

In order to facilitate the development and understanding of the subject under discussion, it will be explained the "General Framework" in which the combat was developed, the characteristics of the terrain in the area of the Isthmus of Darwin, as well as the organization and mission of the forces that defended it. Having understood the situation and the "General Framework" that originated the operations of this combat, the work will direct its center of gravity to the "Specific Framework" of the Fire Support. As the purpose is to use the own experiences in the use of means of fire support in combat, only information corresponding to the forces of the Argentine Army in the operation will be developed, mentioning only aspects of the enemy (United Kingdom of Great Britain) that are related to this purpose.

keywords: Fire Support, Fire Support Sistem, Field Artillery Employment.
Formatação e Espaços!!

1 INTRODUÇÃO

O conflito pelo domínio das Ilhas Malvinas e demais ilhas do Atlântico Sul, que levou ao que ficou conhecido como a Guerra das Malvinas entre a Argentina e o Reino Unido da Grã-Bretanha, independentemente dos resultados e consequências políticas alcançadas, é um fato recente no qual as FA (Forças Armadas) foram empregadas em combate, defendendo os interesses nacionais.

Por este motivo, é muito importante realizar um profundo estudo e análise do emprego de nossas forças para que se possa obter as experiências de um combate moderno que permitam identificar, corrigir e melhorar no futuro, todos aqueles aspectos que contribuam para a eficiência das FA na defesa.

Neste caso em particular, o estudo será focado na análise do apoio de fogo no combate de Darwin-Pradera de Ganso, combate que se caracterizou justamente por uma grande influência dele no desenvolvimento das operações.

O apoio de fogo consiste numa ação conjunta, materializada num sistema que coordena todos os meios de apoio de fogo disponíveis, integrando-os à manobra para incidir de forma significativa no desenvolvimento das operações.

O presente trabalho tenta expor os sucessos do combate, abordando-o desde o ponto de vista tático-técnico em tudo o que estiver relacionado à organização, coordenação e emprego do mencionado Sistema de Apoio de Fogo.

1.1 PROBLEMA

Desde a finalização da guerra das Malvinas, em 14 de junho de 1982, muito foi falado e escrito em relação ao conflito e as suas operações militares. Existem inúmeros estudos, bibliografias, relatos e inclusive, por se tratar de um fato contemporâneo, ainda contamos com a presença física da maioria dos combatentes que participaram dessa campanha.

Contrário ao exposto, se pesquisarmos um pouco sobre alguns aspectos das FA argentinas como a organização, instrução, equipamento e particularmente a doutrina, poderemos verificar que trinta e cinco anos depois da guerra, nenhum desses aspectos tem tido mudanças de relevância, geradas pelo aproveitamento das experiências obtidas do emprego dessas forças num combate moderno.

No sentido de orientar a pesquisa foi formulado o seguinte problema:

Do ponto de vista do apoio de fogo, particularmente da Artilharia de Campanha, quais foram as experiências positivas e negativas do emprego da tática e técnica doutrinária argentina no combate de Darwin- Pradera de Ganso?

1.2 OBJETIVOS

A resposta ao problema proposto deve servir para manter e reforçar aqueles acertos e vantagens no emprego dos Meios de Apoio de Fogo (M Ap F), bem como corrigir, atualizar, modificar ou realizar os ajustes necessários a todos aqueles aspectos que, produto da sua confrontação com uma situação de combate real, tenham demonstrado ser ineficientes, gerando desvantagens, resultados negativos ou acrescentado vulnerabilidades.

Finalmente, o objetivo deste trabalho é aproveitar as experiências do combate e extrair conclusões que possam ser interessantes para a Força em geral e à arma em particular, permitindo acrescentar a eficiência de meios, técnicas e procedimentos atuais, os quais são em sua maioria, os mesmos utilizados quanto ao referido combate.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

Atualmente são estudadas, no mundo todo, grandes batalhas e conflitos armados que, desde o início da história até os nossos dias, foram moldando o que é conhecido como a “Arte da Guerra”. O objetivo desse estudo é adaptar os ensinamentos adquiridos com as realidades próprias para gerar mudanças que otimizem a preparação para futuros conflitos.

A guerra pelas Ilhas Malvinas e demais ilhas do Atlântico Sul que transcorreu entre 2 de abril e 14 de junho de 1982, entre a República Argentina e o Reino Unido, independentemente dos resultados obtidos, representou para as forças intervenientes uma oportunidade para testar sua preparação que, desde sua criação, vem se desenvolvendo. Por este motivo, este fato transforma-se numa grande fonte de experiências que devem ser aproveitadas para aperfeiçoar o emprego das FA argentinas, acrescentando sua importância pelo fato de ter ocorrido em seu próprio território e com meios e procedimentos que na grande maioria, ainda hoje, permanecem em vigor.

2 METODOLOGIA

Com o intuito de realizar uma análise objetiva do emprego dos M Ap F, serão consultadas fontes bibliográficas de origem tanto argentinas, quanto inglesas. Essa informação será acrescentada com a subjetividade das experiências no combate, obtidas de entrevistas realizadas aos únicos três oficiais da arma de artilharia que participaram na defesa de DARWIN.

Por se tratar de um estudo sobre um fato histórico no qual serão descritas as ações como foram observadas e relatadas, a metodologia que iniciará a condução da presente investigação será o Estudo Descritivo, valendo-se também de alguns dados quantitativos e qualitativos.

Posteriormente, abordando uma metodologia de Estudo Correlacional que facilite realizar uma relação entre variáveis, serão confrontadas essas experiências de combate e os seus resultados obtidos, com a doutrina em vigor que rege o emprego dos MAF. A citada confrontação permitirá observar os acertos e erros da tática e técnica testadas efetivamente em combate real.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciamos o delineamento da pesquisa com a definição de termos e conceitos. A fim de viabilizar a solução do problema de pesquisa, foi feita uma revisão de literatura (manuais de uso no Exército Argentino) no período de 1978 a 2015 e literatura referente ao conflito armado pelas ilhas MALVINAS, desde 1982 até o presente. Essa delimitação baseou-se na necessidade de atualização dos manuais, visto que, em sua maioria, ainda não foram atualizados com base nas experiências da guerra.

O limite anterior foi determinado almejando incluir os manuais de campanha do Exército Argentino (EA) que nortearam a utilização dos meios de artilharia de campanha durante o citado combate, que em todos os casos datam da década dos anos 70.

Foram utilizadas as palavras-chave “combate de DARWIN-PRADERA DE GANSO”, “apoio de fogo”, “sistema de apoio de fogo” e “emprego da artilharia de campanha”, na base de dados da Biblioteca Virtual do EA, Escola das Armas e

Especialidades, Colégio Militar da Nação, Escola de Guerra e em diferentes sites da internet a fim de procurar a bibliografia citada.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados em espanhol ou inglês, relacionados às técnicas e táticas utilizadas pelos elementos de manobra
- Estudos realizados sobre o emprego dos MAF na guerra das MALVINAS e no combate de DARWIN.
 - Dados coletados sobre as magnitudes de meios utilizados por ambos países.

b. Critério de exclusão:

- Estudos e manuais que abordam o emprego dos meios do Reino Unido da Grã-Bretanha e outros países.

2.2 COLETA DE DADOS

Na sequência do aprofundamento teórico da pesquisa, foi contemplada a coleta de dados tanto primários quanto secundários, pelos seguintes meios:

- a. Dados Primários: entrevistas não estruturadas, por pautas ou guias.
- b. Dados secundários: narrativa ou análise narrativa.

2.2.1 ENTREVISTAS

Com a finalidade de obter as experiências de combate das fontes primárias, foram realizadas entrevistas aos únicos três oficiais Veteranos da Guerra das Malvinas (VGM) da arma de artilharia que participaram da defesa de DARWIN, justamente, por ser a artilharia, o M Ap F mais destacado neste conflito.

Nome
Cap (R) VGM CARLOS ALBERTO CHANAMPA
Cnl (R) VGM JORGE GUSTAVO ZANELA
GrI Br VGM JOSÉ NAVARRO

QUADRO 1 – Quadro de Veteranos entrevistados

Fonte: O autor

2.2.2 ANÁLISE NARRATIVA

Com base neste método objetivo, foi realizado um estudo profundo na literatura existente, como foi observado o evento e como foi narrado, com o objetivo de coletar os dados necessários do emprego dos MAF. Também foram especialmente

analisados os estudos realizados por especialistas abordando temas específicos do apoio de fogo.

Além da coleta de dados obtida da “história narrada”, também foram coletados os dados referentes às técnicas e táticas em vigor, mediante o estudo descritivo de nossos manuais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para facilitar o desenvolvimento e a compreensão da questão proposta, serão abordados, num primeiro momento, os aspectos gerais nos quais o combate ocorreu, as características do terreno na área do Istmo de Darwin, bem como a organização e a missão das forças que o defenderam.

Tendo compreendido o panorama geral que gerou as operações deste combate, o trabalho dará maior atenção no aspecto específico do Apoio de Fogo.

Como o objetivo é aproveitar as próprias experiências no uso de meios de apoio de fogo em combate, só serão desenvolvidas e aprofundadas as informações referentes às forças do Exército Argentino em operações, mencionando apenas os dados do inimigo (Reino Unido da Grã-Bretanha), que estão relacionados com essa finalidade.

3.1 ASPECTO GERAL

3.1.1 ESQUEMA GERAL DA DEFESA

A principal característica do Teatro de Operações Atlântico Sul (TOAS) era a sua geologia. Por se tratar de uma ilha, tem limitado os seus acessos unicamente a meios marítimos e aéreos.

O esquema geral de defesa exposto pelo Cmt FTC/TOAS respondia justamente a esse aspecto e procurava centralizar a maioria dos meios e efetivos nos objetivos estratégicos e táticos de vital importância para qualquer tipo de operação a ser realizada na terra: as pistas de pouso, os portos e as possíveis regiões que reunissem as características para que o inimigo, desde o ar ou o mar, desembarcasse suas forças terrestres para reconquistar e consolidar o arquipélago.

Na ilha “Soledad” eram concebidos dois setores muito importantes, os quais reuniam essas características: o principal deles era a capital, “Puerto Argentino”, e o secundário o istmo de Darwin, constituindo-se assim nos esforços principal e secundário da defesa respectivamente. (Figura 1)

2. MISSÃO: A FTC MALVINAS defenderá a partir de o inimigo iniciar as operações, os setores de porto das ilhas Malvinas, Darwin-Goose Green e Bahia Fox, para conter, desarticular, rechaçar e aniquilar qualquer forma de

ataque terrestre, a fim de impedir a recuperação das ilhas por parte de Grã-Bretanha e apoiar as ações do Governo Militar.¹

A O Op Nr 1/82 (Defesa) estabelece então uma defesa de área por setores, sobre a base de pontos fortes apoiados mutuamente, com reservas locais para contra-atacar.

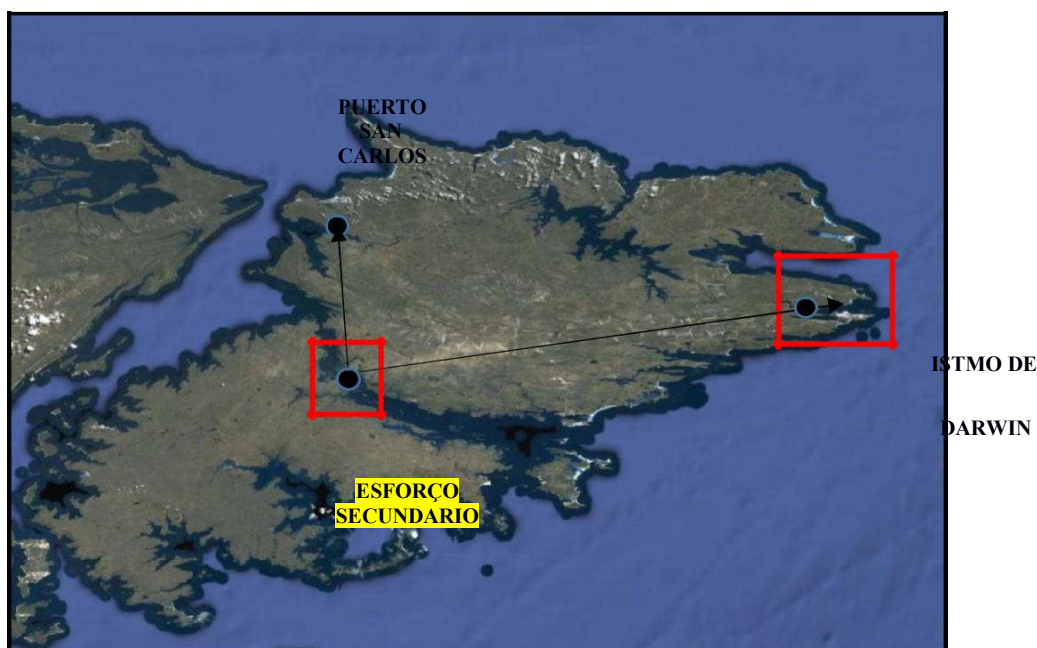


FIGURA 1- Esforços da defesa na Ilha Soledad
FONTE: O autor

3.1.1.1 ESFORÇO PRINCIPAL

Puerto Argentino, por ser a capital do arquipélago, constituía-se num objetivo estratégico já que a sua conquista era o requisito principal para a recuperação total do território por parte do Reino Unido, além disso, contava com muitos acidentes capitais importantes para o desenvolvimento das operações: a localidade, o aeroporto como uma pista de pouso asfaltada de 1200m, o porto marítimo mais amplo, elevações e costas, as quais eram favoráveis para a execução de um desembarque anfíbio.

3.1.1.2 ESFORÇO SECUNDÁRIO

O istmo de Darwin era a única conexão terrestre com o Sul-Oeste da ilha Soledad, além disso contava como duas pequenas localidades: Darwin e Goose

¹ EXÉRCITO ARGENTINO. "Informe Oficial do Conflito Malvinas Volume II". IGM. Buenos Aires. 1983.

Anexo 14 (O Op Nr 1/82).

Green. Porém os principais motivos da sua concepção como acidente capital e objetivo de importância eram: a existência de um aeródromo próximo a Goose Green e a costa apta para a realização de um desembarque de grande magnitude.

3.1.2 CARACTERÍSTICAS DO TERRENO: O ISTMO DE DARWIN

A ilha Soledad, próximo ao seu centro, encontra-se parcialmente dividida á Leste pelo Seno Choiseul e á Oeste pela “bahia de Ruiz Puente”, constituindo dois grandes setores: norte e sul. A pequena porção de terra que une esses setores se chama “istmo de Darwin”, nomeado de igual forma que o porto localizado a leste dele.

O istmo está localizado a uma distância de 80km ao SO de Puerto Argentino e 33km a SE de Puerto San Carlos.

Ao norte dele, no ingresso, se destaca a lagoa Burntside Pond, e ao sul dela encontra-se Burntside House (Casa com o costado queimado). Continuando para o sul pela costa oriental se encontra a localidade de Puerto Darwin e um pouco mais ao sul, próxima ao centro do istmo, Goose Green. Entre essas localidades tem uma escola rural que teve um rol participativo no combate.

No referente às vias de comunicação, um caminho de terra que provem desde o setor sul da ilha Soledad atravessa longitudinalmente ao istmo passando pelas localidades de Goose Green e Darwin para logo dirigir-se próximo a Burntside House e se bifurcar para o norte em direção a Puerto San Carlos e para o leste até Puerto Argentino. (Figura 2)



FIGURA 2- Características do terreno: o istmo de Darwin
FONTE: O autor

3.1.3 FORÇAS AMIGAS: A FT “MERCEDES”

3.1.3.1 ORGANIZAÇÃO (FIGURA 3)

Como o istmo era o esforço secundário na defesa da ilha Soledad, e por requerimento da Força Aérea Argentina (FAA) para incrementar a segurança da base aérea militar “Condor” (aeródromo de Goose Green), é criada e destacada a FT “Mercedes”, organizada da seguinte forma:

- RI 12 (- Cia “C”)
- 3/C/RI 8
- C/25
- A/GA Aerot 4
- 1/1/Cia Ing 9
- Posteriormente foi reforçada com 1 Seç AAe (Oerlikon 35mm).

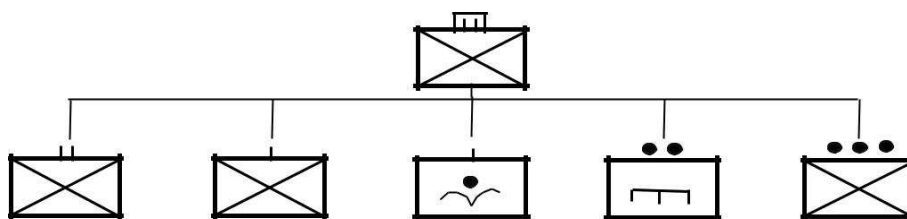


FIGURA 3- Organização da FT “Mercedes”
FONTE: O autor

3.1.3.2 MISSÃO

A missão inicial imposta no momento de criação da FT “Mercedes” consistia em contribuir à defesa da base aérea e ficar em condições de, mediante ordem, ser aerotransportados para reforçar as posições defensivas em Puerto Howar e Bahia Fox.

3.1.3.3 ATRIBUIÇÃO DE MEIOS DE APOIO DE FOGO

Após o desembarque inglês em Puerto San Carlos em 21 de maio, existiam grandes probabilidades de que ocorresse uma ação terrestre em direção a Darwin.

O RI 12 ainda não tinha recebido os seus morteiros pesados pois eles tinham ficado no continente devido ao bloqueio naval inglês. Por tanto, foram transportadas de barco duas peças de artilharia cal 105mm Otomelara sob o comando do Subtenente Navarro, na noite do 21 de maio, como único meio de apoio de fogo da FT “Mercedes”.

Segundo a O Op 506/82 (Defensa) do Cmt Bda I III, com data de 24 de maio, devia-se reorganizar o sistema defensivo e realizar fogos de inquietação sobre as forças inimigas mais adiantadas para impedir a elas o acesso ao istmo de Darwin. Para isso, destacava-se a Bia “A”(-)/GA Aerot 4.

Em 25 de maio, o Cmt da Bia “A” (-) (1º Tem Chanampa) recebe a ordem de se transladar a Darwin com duas peças, o pessoal e uma viatura jeep Mercedes Benz, os quais foram aerotransportados por um helicóptero Chinook do EA. Esse dia a Bia “A” encontrava-se agregada em Reforço à FT “Mercedes” com um efetivo total de 3 oficiais, 7 sargentos, 35 soldados, 1 Jeep MB, 4 obuses Otomelara e 3000 munições.

3.2 ASPETO ESPECIFICO: O APOIO DE FOGO NO COMBATE DE DARWIN-GOOSE GREEN

3.2.1 MEIOS DE APOIO DE FOGO

Quando falamos de apoio de fogo, se faz referência, na verdade, ao Sistema de Apoio de Fogo (SAF), o qual é uma integração conjunta de M Ap F das três forças armadas:

- a. FAA: apoio de fogo aéreo: Ar-Superfície (A-S)

Embora tenha sido escasso e breve, teve lugar em 28 de maio e consistiu numa saída de 2 aviões IA 48 Pucará e 2 Airmacchi MB-339, os quais uma vez avançado o combate e com o cerco britânico quase completo sobre Darwin e Goose Green, realizaram uma incursão aérea e lançaram suas armas contra a infantaria inglesa.

O apoio foi preciso, porém seu efeito não causou danos maiores nem complicações na ofensiva britânica. Três dessas aeronaves foram abatidas por armas antiaéreas tendo como resultado duas delas derrubadas e a outra com graves danos.

b. Armada da República Argentina (ARA): apoio de fogo naval:

Não teve apoio de fogo naval argentino em nenhum combate da guerra das Malvinas.

c. EA: Apoio de fogo aéreo e terrestre (A-S) e (S-S)

a) Artilharia de Campanha

b) Aviação de Exército.

c) Morteiros pesados da Infantaria e Cavalaria

Não teve apoio de fogo por parte da Aviação do Exército e os morteiros pesados da Infantaria se reduziam a um morteiro 120mm apenas. O antes mencionado SAF, basicamente se limitava então, a 4 obuses 105mm Otomelara, sendo a A/GA Aerot 4 o principal M Ap F da FT “Mercedes”. Por tanto este trabalho concentrará a análise sobre este elemento em particular.

Comparação do apoio de fogo disponível (Quadro Nr 1).

M Ap F
Apoio de fogo aéreo
Apoio de fogo naval
Artilharia
Morteiros pesados

<p>Outras armas de apoio (não consideradas como apoio de fogo)</p>
<p>Munição</p>

QUADRO 1- Poder relativo de apoio de fogo

FONTE: (Alguns dados, sem chegar a mudar os resultados, diferem segundo o autor)²

Em resumo, o Reino Unido contou com uma superioridade em apoio de fogo de, no mínimo 4 para 1.

3.2.2 MISSÃO DA BIA “A”(-)/GA AEROT 4

Para poder analisar o emprego do principal meio de apoio de fogo da FT “Mercedes”, é necessário revisar a O Op Nr 506/82 (Defesa), do Cmt Bda Inf III, destacando-se o seguinte:

a. Missão: devia-se reorganizar o sistema defensivo e realizar fogos de inquietação sobre os efetivos inimigos mais adiantados para negar o acesso ao istmo de Darwin e contribuir ao desenvolvimento de operações futuras.

b. Conceito da Operação: se especificava o fogo de inquietação sobre Bodie Peak, Cantera e Mt Osborne 2, em apoio à operação principal. (Figura 4).

c. Instruções de coordenação: para o Cmt da Bia “A” ordenava-se reconhecer posições à frente do LAADA e inclusive à frente das PAC, as ocupar durante a noite para cumprir missões de fogo e retraindo ainda durante o período de escuridão.

“A explícita e ambiciosa ordem de Operações Nr 506/82, no meu humilde critério, carecia de sentido comum, vulnerava a doutrina, o princípio da guerra Economia de Força, o adequado emprego dos meios de apoio de fogo e, fundamentalmente, a atribuição de meios de apoio logístico necessários para o cumprimento da missão”.³

² Tcnl (R) MARCELO E GONZALEZ MOURE, “Atento ALA – Misión de Fuego”, Revista ESG N° 503. Buenos Aires, Argentina, 1991. Pg 109-112.

³Tcnl (R) MARCELO E GONZALEZ MOURE, “Atento ALA – Misión de Fuego”, Revista ESG N° 503. Buenos Aires, Argentina, 1991. Pg 113.

Antes de transcorridas 24 horas, recebe-se uma nova ordem, a O Op Nr 507/82 (Ataque de Desarticulação), a qual não modificava substancialmente o que refere ao apoio de fogo.

Em relação ao cumprimento da doutrina e o adequado emprego da artilharia, é necessário destacar que nenhuma dessas ordens contemplava a organização e ocupação de posições de fogo em apoio a uma operação defensiva. Tampouco se consideraram os meios de apoio necessários para deslocar os obuses, a munição e o pessoal a nível subunidade, tornando vulnerável de novo o princípio de emprego de artilharia nessa magnitude.

Além disso, ao desdobrar a artilharia à frente dos PAC, ficou muito exposto o único elemento de apoio de fogo da FT “Mercedes”

3.2.3 DESENVOLVIMENTO DO COMBATE

3.2.3.1 AÇÕES PRÉVIAS

As duas primeiras peças de 105mm que chegaram a Darwin se encontravam sob comando do Subtenente NAVARRO, quem a partir do 23 de maio, formaria parte da FT “Mercedes” como único oficial da arma de artilharia, sendo responsável de todas as funções inerentes ao apoio de fogo.

Do ponto de vista técnico, entre outras coisas, era responsável da direção e execução dos fogos. Ao mesmo tempo, do ponto de vista tático, devia cumprir as tarefas de planejamento, coordenação e controle do apoio de fogo, constituindo-se em O Lig e CAF de uma FT que se encontrava operando em conjunto com as outras forças armadas.

“Nesse momento tinha-se o conceito que tudo tinha que ser feito pelo mais moderno. Eu era Subtenente, formado há pouco tempo, e me mandaram a operar isoladamente, justo a mim, quem tinha menos experiência(...) que podia saber eu de planejamento e coordenação dos fogos?”⁴

A ordem de executar fogos de inquietação sobre as posições mais adiantadas do inimigo foi recebida formalmente no dia 26 de maio. Porém, similares missões de fogo tinham sido executadas durante as noites dos dias 24 e 25 de maio.

4 Palavras do Gen Bda (VGM) JOSÉ NAVARRO. Entrevista Pessoal. Buenos Aires, maio de 2015.

Em 24/2100, utilizando uma viatura Land Rover requisitada, uma peça foi deslocada aproximadamente 6km a frente das posições defensivas do RI 12, executando fogo de inquietação sobre setores onde, segundo informação obtida, estimava-se a presença de forças inimigas.

A principal limitação para o cumprimento da missão era a falta de meios para os deslocamentos, já que nessa viatura só era possível carregar menos de 10 munições e 3 soldados. Por tanto, não disponha do pessoal mínimo para o emprego do obus e menos ainda para constituir uma força de segurança que apoiasse a manobra.

Além disso, por não contar com observação sobre a zona de alvos, era impossível conhecer os efeitos ocasionados nem os corrigir.

“(…) atirávamos sobre o nada e sem saber se realmente estávamos acertando. Calculava uma direção e um alcance até um quadradinho de cor vermelha que o Cmt da FT tinha desenhado na minha carta, onde supostamente teria forças inimigas”⁵.

Durante a noite do dia 25 se executaram reconhecimentos de novas posições e se construíram pequenos depósitos de munição camuflados, próximos destas, para poder se opor à falta de meios para os deslocamentos, podendo deslocar maior quantidade de pessoal dentro da viatura.

Essa mesma noite foram executadas missões de fogo das citadas posições, porém, como tinha acontecido na noite anterior, seus efeitos não foram comprovados. Posteriormente um radar da marinha, detectou a localização de um navio inglês que tentava ingressar pela bahia, próxima à localidade de Goose Green. Com uma peça desdobrada numa posição próxima a esta localidade, e seguindo os dados obtidos pelo radar, se realizou fogo com surpreendente precisão, obrigando-o a retirar-se.

Como foi exposto anteriormente, no dia 26 de maio chegou a Darwin o resto da Bia “A” do GA Aerot 4, integrando-se nela os meios e pessoal que já se encontrava nesse lugar.

A Bia contava com o jeep MB do Cmt Bia, dois tratores requisitados da localidade e a viatura Land Rover, para realizar o deslocamento das peças até as posições na frente e posterior retirada à posição principal próxima a Goose Green.

⁵ Palavras do Gen Bda (VGM) JOSÉ NAVARRO. Entrevista Pessoal. Buenos Aires, maio de 2015.

Prévios reconhecimentos efetuados durante a tarde, foram cumpridas as missões impostas na O Op 506/82 (Defesa) durante a noite e madrugada do dia 27. (Figura 4)

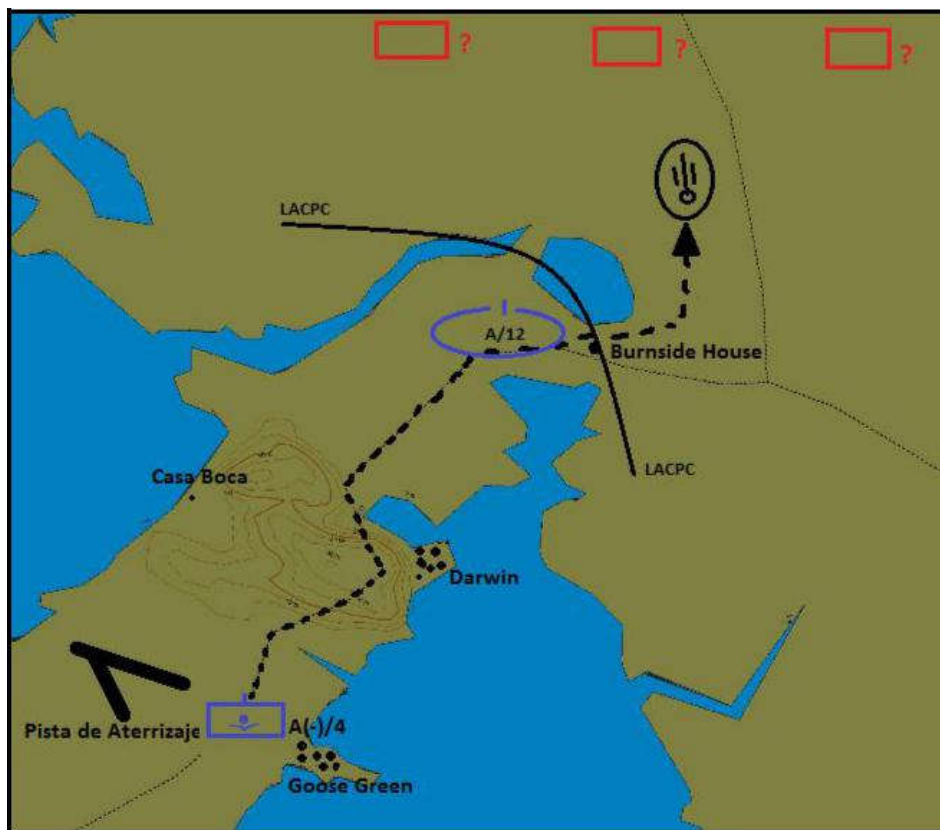


FIGURA 4- Posições de inquietação - (obs: LACPC=LAADA)
FONTE: O autor

Durante a manhã do dia 27, o Cmt Bia (1° Ten CHANAMPA) informou as novidades ao Cmt FT e solicitou autorização para organizar uma posição de fogo próxima a Goose Green, que melhor atenda ao correto emprego dos meios de apoio de fogo numa operação defensiva, já que o ataque inglês parecia iminente.

“Havia muitos indícios, tínhamos que organizar uma boa posição de fogo. Era claro que em um ou dois dias começaria o ataque (...) me respondeu que ele não tinha atribuições para mudar ordens recebidas desde Puerto Argentino”.⁶

“Ante um iminente ataque inimigo era totalmente imprudente sair fora das PAC próprias, considerava mais importante preparar uma posição, estabelecer medidas de coordenação, realizar as regulações e designar observadores”.⁷

⁶ Palavras del Cap (R) VGM CARLOS ALBERTO CHANAMPA. Entrevista telefónica. Bs As. Mayo de 2015

⁷ Cel (R) VGM JORGE ZANELA. “La Bateria “A” en DARWIN GOOSE GREEN”. Cte Luis Piedra Buena, 2004. Pg 2

Como aconteceu no dia anterior, pela tarde foram executados os reconhecimentos das posições, se levou munição para a frente e às 1800 iniciou o deslocamento para dar cumprimento às missões de fogo.

Às 0000, quando as peças se encontravam na vanguarda, entre 2km e 3km por diante das PAC, iniciou o ataque inglês. As duas peças começaram a atirar contra os setores onde se apresentava movimento de tropas inimigas, mas nesse momento foi recebido intenso fogo naval que tentava neutralizá-las, prolongando-se por duas horas. A Bia iniciou a troca de posição até a localidade de Goose Green, chegando em 28/0200.

3.2.3.2 INICIO DO COMBATE: O APOIO DE FOGO NA DEFESA

As forças atacantes estavam organizadas sobre a base do Regimento 2 de paraquedistas, totalizando aproximadamente 600 homens (sem contar os elementos de apoio de fogo, apoio de combate, naval, aéreo, etc).

Após o intenso fogo de preparação realizado por meios navais, artilharia e morteiros sobre as posições defensivas argentinas, o Para 2 iniciou a manobra ofensiva, tendo como objetivo inutilizar a pista de poso e os elementos de DAAe, materializado mediante a destruição das forças de defesa e a conquista das localidades de Darwin e Goose Green.

Apesar do assessoramento do Cmt Bia "A", não tinham realizado um correto planejamento de artilharia nem confeccionado o PAF. Por tano o SAF, que devia atuar em forma coordenada, consistiu em meios isolados que operavam independentemente, sem missões particulares, prioridades de emprego, listas de alvos, medidas de coordenação, etc. Ainda assim, a maior deficiência e limitação para a eficácia do apoio de fogo era, sem dúvida, a falta de comunicações e observadores.

Uma vez ocupada a posição inicial, a Bia iniciou o apoio aos elementos de manobra que já tinham começado a retroceder.

"Iniciamos o tiro conduzido pelo Cmt Bia, obtendo os lançamentos e distâncias diretamente da carta, e valendo-se também do conhecimento do terreno ganhado durante os reconhecimentos, já que não se contava com observadores nas companhias de Infantaria".⁸

⁸ Cel (R) VGM JORGE GUSTAVO ZANELLA. "La Batería A en DARWIN GOOSE GREEN". Cte Luis Piedra Buena, 2004. Pg 2.

Durante as horas de escuridão, o avanço britânico não teve muita oposição por parte das posições defensivas (pouco preparadas devido à mudança de dispositivo ordenada na O Op 507/82 (Ataque de desarticulação), logrando alcançar objetivo secundários próximos à localidade de Darwin durante o amanhecer.

“Alentados pelos êxitos iniciais, alcançaram os objetivos com pouca oposição, a exceção do sempre presente fogo de artilharia que não nos abandonava”.⁹

Com a luz do dia, o combate voltou-se um pouco mais equilibrado, os britânicos tinham perdido a vantagem outorgada pelos meios de visão noturna e enfrentavam um inimigo que tinha chegado às suas posições originais, bem preparadas.

Foi ordenado à Seção Reserva sob comando do Tenente ESTÉVEZ, realizar um contra-ataque para restituir o LAADA. O Cmt Seç, uma vez em contato com o inimigo, se orientou e começou regular pessoalmente os fogos da artilharia, incrementando a eficácia do apoio.

Essa seção logrou cumprir com o objetivo, bloqueou a penetração e deteve o ataque inimigo momentaneamente, porém, nessa ação, ficou neutralizada por sofrer numerosas baixas. Entre elas se encontrava seu Cmt Seç, morrendo junto com ele e seus homens, a observação do tiro indireto.

Em 28/1000 se havia perdido a localidade de Darwin e a maioria das forças defensivas encontravam-se próximas a Goose Green. (Figura 5)

⁹ The Sunday Times Insight Team. “Uma Cara da Moeda – A Guerra das Malvinas”. Ed Hyspamérica. Buenos Aires, 1983. Pg 141

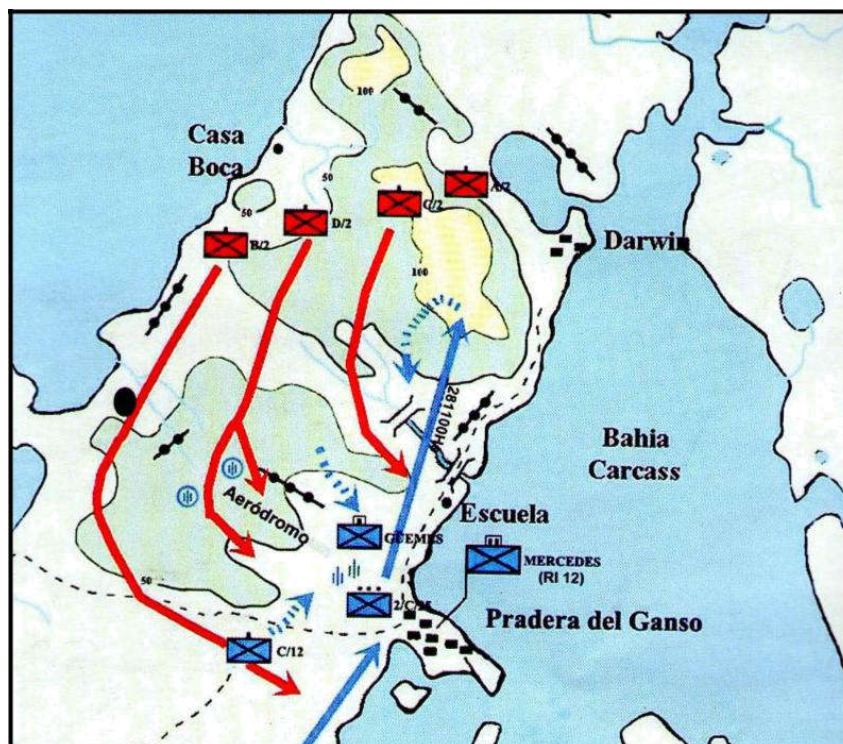


FIGURA 5- Situação em 28/1000.

FONTE: Exército Argentino. "Informe Oficial Conflicto Malvinas Vol II". 1983

Após ter sido alcançados por fogos de morteiro, o Cmt Bia ordenou mudar a Bia a uma posição mais próxima à localidade de Goose Green. A mudança ocorreu por peça para assegurar a continuidade do apoio de fogo, valendo-se do jeep MB e um trator.

Na nova posição as peças foram colocadas em semicírculo e começou o fogo mediante o procedimento de pontaria direta, já que a distância até o inimigo era aproximadamente de 500m.

Por volta do meio-dia, a Bia encontrava-se imediatamente atrás da primeira linha defensiva. Continuava apoiando com seus fogos diretos à A/12, exigindo às peças uma cadencia de fogo amplamente superior à correspondente. (Figura 6).

“Tínhamos que abrir os cunhetes de munição com pás e picaretas, nossas mãos sangravam, não conseguimos retirar os lacres de aço das cunhetes e da pólvora o suficientemente rápido para abastecer a cadencia de fogo”¹⁰.

Às 1430 foram detectadas forças inglesas concentrando-se numa escola próxima a localidade, distante entre 400m e 500m. Executou-se disparos em pontaria

¹⁰ Palavras do Cel (R) VGM JORGE GUSTAVO ZANELA. Entrevista Pessoal. Buenos Aires. Maio de 2015

direta e, ao terceiro impacto (além de rajadas de 35mm da Seç AAe) a escola se consumiu em chamas.

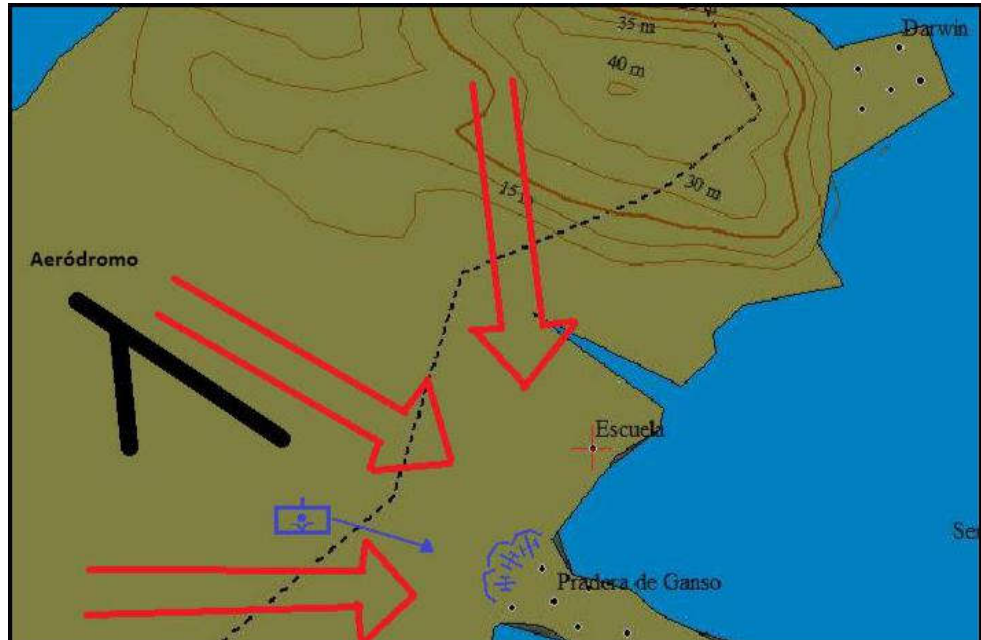


FIGURA 6- Pontaria direta (última posição de fogo).
FONTE: o autor.

Pouco tempo depós, a posição encontrava-se completamente rodeada e a munição praticamente consumida (restavam 20 ou 30 tiros). O inimigo, executando fogo com armas de tiro tenso desde uma distância no maior a 250m, impedia continuar operando as peças.

A situação foi irresistível para a FT Mercedes e, horas mais tarde, acordou-se a rendição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 COMANDO

A “Guarnição Militar Darwin” estava integrada por elementos das três forças armadas, as duas de maior magnitude eram a Base Aérea Militar “Condor”, sob comando do Vice comodoro Wilson PEDROZO, e a FT “Mercedes” sob comando do Tcnl Ítalo PIAGGI. Embora o primeiro deles tinha sido mais antigo, a doutrina conjunta fala que em operações terrestres, o comando deve ser assumido pelo Cmt mas antigo da FTC.

Devido a não ter levado isso em consideração, a perda de unidade de comando, impediu a ação conjunta e coordenada das forças, limitando também o emprego sistêmico de todos os M Ap F disponíveis.

Como a artilharia de campanha foi o principal e mais importante M Ap F no combate de Darwin, basearei o resto das considerações em dito elemento.

4.2 ORGANIZAÇÃO

Segundo a doutrina, a artilharia de campanha consiste num sistema que integra as funções dos distintos recursos humanos e materiais, em forma coordenada, para o cumprimento de uma missão. Estes recursos denominam-se “subsistemas”. Por esta razão, resulta necessário analisar o emprego de cada um deles de forma particular e a sua integração no sistema.

a. Subsistema Armamento e Munição

A menor quantidade de peças, limitou os efeitos desejado segundo o volume de fogo empregado.

A inexistência de viaturas limitou os deslocamentos, e impediu realizar oportunas mudanças de posição, sendo favorável à ação do inimigo para neutralizar o próprio apoio de fogo.

A quantidade de munição prevista doutrinariamente para 5 dias de combate, sob essas condições, permitiu o cumprimento de missões de fogo por apenas 14hs.

O reduzido estado de aprontamento da munição (encontrava-se embalada dentro das caixas para transporte), somado à falta de viaturas, pessoal e material para movimentá-la limitou a cadencia de fogo necessitada.

O pouco pessoal disponível para o serviço de peça, junto com a cadência acima exposta, impediram o aproveitamento das espoletas disponíveis (não conseguiam regular o tempo das espoletas AT), diminuindo em grande medida o efeito desejado (devido às características do solo, o projétil se enterrava antes de explodir, perdendo eficácia).

b. Subsistema Logístico

Sua finalidade é manter a atitude de todo o sistema para o combate. Sua inexistência limitou, entre outras coisas, o abastecimento da munição necessário para executar apoio de fogo contínuo, cerrado e oportuno, assim como todos aqueles elementos necessários para a manutenção do material e a moral do pessoal.

c. Subsistema comunicações e guerra eletrônica.

- Guerra eletrônica não teve.

- Comunicações os poucos equipamentos de rádio disponíveis foram obtidos mediante requisições realizadas aos moradores locais.

A falta de comunicações se manifestou não só com os elementos de manobra apoiados, mas também dentro da mesma bateria e com elementos de comando em outros níveis. Esta limitação, impediu em grande medida a coordenação e integração do apoio de fogo à manobra. Além disso, limitou a eficácia dele por não poder comprovar nem corrigir a precisão e efeito logrados.

d. Subsistema de Apoio Técnico

1) Direção do tiro

Os rudimentares procedimentos utilizados para a obtenção dos dados de tiro, limitaram a velocidade, a precisão e por tanto a eficácia das missões cumpridas. (Procedimentos moderados para realizar fogos de inquietação e interdição, mas limitados para apoiar uma manobra defensiva).

O engenho e a capacidade demonstrados pelo escasso pessoal que realizou a direção do tiro, permitiu, pese às limitações existentes, aproveitar os meios disponíveis e localizar alvos com relativa precisão e velocidade. A história narrada pelas forças inglesas demonstraria a magnitude dos seus efeitos.

2) Apoio topográfico e meteorológico: inexistentes.

e. Subsistema Busca de Alvos

A ausência de observadores avançados ou pessoal capacitado para fazer isso em todas as subunidades de combate, limitou a oportuna e precisa localização de alvos, assim como a coordenação e integração do apoio de fogo com a manobra. Mesmo assim, impediu a execução de ajustes e regulações prévios ou durante o combate, que servissem para otimizar o rendimento das bocas de fogo.

A presença de algum pessoal isolado (Tte ESTÉVEZ), capacitado minimamente para observar e conduzir o tiro, favoreceu não só à localização de alvos e posterior abertura de fogo, mas também, o controle da eficácia, otimizando os volumes de fogo empregados para cada missão.

f. Subsistema Comando e Controle

Desde o ponto de vista do comando da subunidade, a grande habilidade e capacidade de resolução demonstrados pelo Cmt Bia (1 Ten CARLOS ALBERTO CHANAMPA), conduzindo ela com sob marcada inferioridade de meios, em condições adversas e inclusive, dentro do terreno inimigo, permitiram superar as limitações, minimizar as desvantagens e continuar cumprindo missões de fogo durante todo o combate.

4.3 MISSÃO

Como consideração final e em relação à missão imposta à A(-)/GA Aerot 4, posso mencionar o seguinte:

- A doutrina estabelece que a menor fração de emprego para todos os elementos de artilharia de campanha é a subunidade (a organização da Bia "A" (-) nem era equivalente a uma Seç Pça de uma Bia O de configuração 2 Seç x 4 Pça).
- No caso em que ela deva operar em forma isolada, se deve reforçar com os meios essenciais que permitam seu emprego integrando todos os subsistemas.

Por último, no combate de Darwin não teve um Sistema de Artilharia de Campanha, ainda menos um Sistema de Apoio de Fogo, se não que ele consistiu na soma de alguns elementos isolados pertencentes a esse sistema. O principal deles foi a Bia "A" (-) do Grupo de Artilharia Aerotransportado 4. Como consequência disto, as grandes limitações na sua organização, impediram a cumprimento da missão imposta como elemento de apoio de fogo da FT "Mercedes"

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

Cnl CARLOS AUGUSTO LANDABURU. A Guerra das Malvinas.1988.

Cnl (R) Italo Piaggi. "O Combate de Goose Green" [Buenos Aires. Grupo Editorial Norma](#). 1997

Coronel Rodriguez Mottino. "A Artilharia Argentina em Malvinas". Buenos Aires. Ed. Clio. 1984

Exército Argentino. "[Informe](#) Oficial Conflito Malvinas Volumes I e II". 1983

Exército Argentino. Retificações aos Volumes I e II ao Informe Oficial do Exército Argentino Conflito Malvinas. "Buenos Aires". 1983

ARTIGOS

Mj Gonzales Moure. "Revista ESG. Atento Ala Missão de Fogo. (O Apoio de Fogo em Darwin y Goose Green)". 1991.

Cnl (R) VGM JORGE GUSTAVO ZANELA. "A Bateria A em DARWIN GOOSE GREEN". Cte Luis Piedra Buena, 2004

Cnl (R) VGM JORGE GUSTAVO ZANELLA. "A Batalha de Darwin y Goose Green". Buenos Aires, 2009.

Cap (R) VGM CARLOS ALBERTO CHANAMPA. "A Bateria de Artilharia A/GA Aerot 4, de Córdoba, e a sua participação no COMBATE DE PRADERA DEL GANSO (DARWIN)". Córdoba, 2007.

ENTREVISTAS

Cap (R) VGM CARLOS ALBERTO CHANAMPA (Cmt "A"(-)/GA Aerot 4)

Cnl (R) VGM JORGE GUSTAVO ZANELA (CLF/Ba "A"(-))

Grl Br VGM JOSÉ NAVARRO (Adj CLF/Ba "A"(-))